

# JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

## ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre . . . . . 500 réis  
Com estampilha . . . . . 600 »  
Fóra do reino accresce o porte do correio  
avulso . . . . . 20 »  
Redacção e administração—LARGO DA PRAÇA—Ovar

## PROPRIETARIO E EDITOR

AUGUSTO DA COSTA E PINHO

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

Rua de S. Christim, 18 a 28—PORTO

## PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. . . . . 60 rs. cada linha  
Anuncios e comunicados . . . 50 » » »  
Repetições . . . . . 25 » » »  
Anuncios permanentes, contracto especial  
25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

## POLITICA GERAL

### SOBRE A ESTABILIDADE

Das Monarchias e das Republicas

#### I

Ainda que o ser republicano ou monarchico deva depender mais das circunstancias e condições dos povos, que de razões theoreticas, e dos sentimentos particulares dos individuos, comtudo julgamos que as monarchias liberaes e as republicas são egualmente sustentaveis, se as primeiras se acompanharem do tino dos governos, de uma dedicação sincera ao bem publico, e das medidas progressivas e harmonisadoras dos direitos e interesses de todas as classes, e as segundas quando se estabeleçam com instituições taes que obstem aos golpes de estado, ao prodomínio do poder, e aos abusos da força.

A nosso vêr as republicas na velha Europa estão fatalmente condemnadas a cahirem todas as vezes que não poderem ser federativas ou descentralisadas; emquanto um exercito permanente e todo o systema administrativo estiverem sujeitos á auctoridade central, e debaixo d'uma forma que é propria de governos absolutos; emquanto o estado absorver directa ou indirectamente todos os poderes; em quanto ás suas reacções só haja o meio de oppôr as revoltas quasi sempre impotentes ante a força organizada e a influencia corruptora dos governos.

Mas illudem-se aquelles que da queda das republicas unitarias concluem a instabilidade de todas as formas que pôde tomar este systema politico. O mais que d'ahi se conclue é a indeficiencia e a periclitación d'aquellas; mas analysando-se os factos, e conhecida bem a natureza e o valor das instituições que as distinguem e caracterisam, vê-se que as republicas descentralisadoras se conservam, e que em favor d'esta verdade estão depondo a Suissa e os Estados-Unidos da America.

#### II

As republicas, onde a assembleia nacional tira do seu seio o poder executivo, onde nomeia os generaes e os grandes funcionarios, onde a auctoridade central não pôde ter um exercito, onde ás provincias ou estados componentes só se permite um certo e egual numero de homens armados, onde não ha um presidente senão para dirigir as sessões, e este mesmo não pôde sel-o em duas sessões consecutivas, onde o ministro é renovado todas as vezes que o fôr o parlamento, onde membro algum dos seus exerce cargos civis ou militares, estas republicas são duraveis pelo menos tanto quanto o forem as monarchias.

Constituido assim o poder, difficil será uma reacção violenta. Onde está a soberania do direito,

está tambem a força material, assim nunca esta se revolta contra aquella, não entram em conflicto nem se desligam.

Os povos da Europa vão-se aproximando do mesmo grau e do mesmo typo de civilisação. Os argumentos deduzidos de tudo o que diz respeito ás suas condições historicas e moraes vão-se restringindo muito e dando mais largo campo a uma só forma de governo.

Porém ainda não queremos discutir este assumpto no qual tinhámos a considerar a versatilidade nas republicas e o favoritismo nas monarchias; se as primeiras demandam certo espirito e certos costumes e se mais instrução e moralidade que as segundas; se estas convém mais a uma nação corrupta, ou se aquellas a corrigem e modificam; se as ficções e convenções monarchicas são um efficaz preservativo das revoluções e da anarchia; e se as republicas cahem ou se conservam em virtude das qualidades moraes dos povos.

Nos paizes tão civilizados como os da Europa, se as republicas não se sustentam, outra não pôde ser a causa senão a falta de instituições adequadas. Fornece-nos provas a historia contemporânea: punhamos de parte os factos que se referem á passagem d'um para outro systema, ou a épocas muito distantes e diversas nas formas politicas, ainda que tenham o nome de democraticas, os quaes não podem ser invocados plausivelmente.

#### III

Na descentralisação muitos não vêem senão uma porção maior de attribuições, ou mais liberdade administrativa concedida ás localidades, esquecem-se da descentralisação politica, que é couza de muito mais vulto e importancia.

As monarchias antigas, principalmente a feudal, eram mais descentralisadas do que as monarchias representativas de agora: o systema social do feudalismo e as tyrannias particulares eram sem duvida insupportaveis, mas o poder real estava limitado pelas jurdições dos senhores. A republica de 93 creou uma poderosa unidade politica, centralizou o systema administrativo, e d'este modo aplanou o caminho ao despota brutal que governou depois a França.

Se os girondinos conseguissem vasar a republica nos moldes federaes, se ás provincias se concedesse a autonomia politica, o que era a sua aspiração tradicional, se o pavor da desmembração do paiz não acomettesse os convencionaes, Robespierre, o unitario, não se transformaria em Bonaparte, o tyranno.

— Lourenço d'Almeida e Medeiros.

## A VOLTA DOS "IRMÃOS UNIDOS,"

Este piza e repiza, mexe e remexe, em que os «dois irmãos» andam desde que nós principiamos a transtornar-lhes os seus planos bem urdidos, lembra-nos o Manoel José do Outeiro, que

Deus haja, typo lendario das ruas e bem conhecido n'esta villa, quando indicava, a pedido, a receita para as sezões.

Os «dois» perdidos no conceito publico pela manifesta ganancia e conhecida capacidade com que administraram os bens do municipio, em occasiões propicias para elles, e perniciosas para a camara, têm a louca pretensão de imaginar, que sujam com as suas aleivosas calumnias, a quem está acima de toda a suspeita.

São doidos e maus.

E não ficam só por ahi, vão mais longe, pois além do titulo justo, que nós não dizemos, e que adquiriram pelo seu limpo trabalho, conseguiram bater o record da estupante massada.

E' vel-os, todas as semanas, agarrados ao badalo do sino grande da camara, a dobrar pelo anniversario dos restos mortaes da Estrumada.

E não ha que levar-lhe a mal porque se os actos bons têm direito a serem lembrados com regosijo, tambem os actos máus o têm por meio de pezar.

Assim, é que, esses «dois» como semanalmente senão diariamente, praticaram actos illicitos durante as suas respectivas gerencias camararias, tambem agora cumprem o seu dever, puxando ao badalo do sino grande, e chamando para exequias em suffragio das victimas dos seus logros.

Causa, porém, dó, que com tão pouca attenção sejam ouvidos os seus rancorosos pios que transmittem por intermedio dos badalos.

De nada lhe vale o seu badalar.

Não mentimos com esta affirmativa, pois é vêr a forma á outrance, com que elles têm atacado a camara sobre o aforamento dos terrenos da Estrumada ao norte da estrada do Furadouro, relativamente á area das diversas glebas.

Dizem elles, uns têm maiores areas; outros têm menores areas; e estes os infelizes não são attendidos pela camara nas suas justas reclamações, e aquelles nada dizem

E' a febre da mentira, que os faz fallar.

Os taes infelizes de que elles fallam, são os primeiros a requerer a remissão dos foros das glebas, que arremataram, conhecendo assim lexpressamente, que em nada foram prejudicados, nos contratos que fizeram com a camara.

Os felizes ainda ninguem veio accusal-os á camara.

Mas é verdade haver quem levantasse valos por fóra dos limites das suas respectivas glebas, do que a camara ainda não tem conhecimento, mas de que pode vir a ter; e um d'esses sabe o «irmão» quem é, pois foi o proprio, que pagou a despeza do vallo.

Pois podem estar tranquilos de que a camara saberá cumprir o seu dever, do contrario seremos nós os primeiros a verbera-la.

Os «dois» são bem conhecidos quando cantam, têm pega no alforge.

E a prosa está em que nos proximos aforamentos elles procuram arrematar por si ou por intrepuesta pessoa e por preços

baixos, algumas glebas e por isso tratam de affastar os concorrentes.

Enganam-se.

Não ha meio de o «irmão» se conformar com o facto de o snr. João Faneco fornecer a lenha para o hospital.

Todos os dias mostra o grande desgosto que lhe vae no intimo.

Não ha motivo para tanto pezar, porque, actualmente, gasta-se pouca lenha, e sómente se paga a que, na realidade, é consumida no hospital.

D'antes no tempo da gerencia do «irmão» o fornecimento da lenha era um negocio chorudo, mas se hoje o não é, não vale a pena tanta magua.

Só agora é que o «irmão» tem conhecimento, de que a lei prohibe aos vereadores tomar parte nos contratos das camaras, quando tinha obrigação de o saber, ha muito mais tempo.

Mas isso não lhe convinha por causa d'algumas estradas e calçadas, que se construíram, e por causa do imposto camarario sobre os generos sujeitos ao real d'agua.

Que tal está o sacripante?

A «irmã» chama misera á camara, porque aferrolha o dinheiro e não segue as suas indicações.

Bem procede a camara.

Deus nos livrara de que as theorias de tal mentor fossem seguidas, porque dentro em pouco tempo nem 100 % sobre as contribuições do estado, chegariam para satisfazer os encargos municipaes.

A camara tem que reparar os erros causados pelos esbanjamentos dos outros, e isso só o pode conseguir com muita economia.

Chama a «irmã» principal ao lanço da estrada da Marinha, que está construido, e porque nós dissessemos que tão necessario era esse, como o resto da estrada, retorquiu-nos não como touro bravo, mas como touro manso, que principal, «é o que é mais importante», como diz qualquer dictionario.

Não fazemos questão do qualificativo, mas a duvida persiste, porque ignoramos se a importancia resulta do sitio em que terminou esse lanço, ou de outra cousa.

7.424\$158 réis.

Sete contos quatro centos vinte e oito réis, pagos pela camara municipal d'Ovar, no dia 31 de Dezembro de 1895, ultimo dia da gerencia do «irmão».

Não concorda o «irmão» com a forma como temos ido desfiando esta meada, porquanto queria, que principiássemos pelas verbas a que chama taludas.

Pagar uns poucos de contos de réis em verbas de cincoenta mil réis ou ainda mesmo em tostões, é cousa mais natural do mundo, quando as despezas são verdadei-

ras, mas quando são falsas, e o dinheiro tem um destino diferente d'aquelle com que é escripturado, deixa de haver naturalidade, mas sim um...

No ultimo dia d'uma gerencia não se pôde, ordinariamente, n'um só mandado, incluir para fins occultos, uma quantia importante, porque as diversas verbas orçadas já estão mais ou menos gastas, e não se pôde exceder o orçamento.

E' necessario, para se poder apanhar maquia boa, ir apanhar as sobras de cada uma das verbas de despeza orçadas e ainda não pagas, e essas todas juntas, é que podem formar um boto regular.

Foi o que se fez.

## CASTILHO

#### II

Era Castilho um poeta de mais imaginação do que sentimento comtudo a poesia, que publicamos hoje—A Primeira Noite na Serra—satisfaz á critica mais exigente—é d'uma indole moderna—escripta em 1830, romantica, e do melhor genero, ainda então não havia em Portugal, quem a igualasse.

### A Primeira Noite na Serra

Vêto? Sonho? Deliro?! Em solitario monte que se espanta de ver-me, e cuja austera frente nada avistou jámais no amplissimo horisonte do mundo a tumultuar, de cidades a rir... neste ermo ignaro, frio, mudo... aqui... (deliro? ou sonho?) aqui meu lar, meu tudo, o meu presente e o meu porvir!

Genio invisivel da montanha, d'astros, de sol, o ceo te banha; o mar de longe te acompanha no livre cantico sem fim. Escada de Jacob da terra ao firmamento, a mansão tua é monumento da potencia, do amor, das glorias d'Eloim.

Emquanto em derredor do solio teu sublime a baixa terra vil que a instavel sorte opprime, se volve, se transforma, e sua angustia exprime, num continuo anhelar, num confuso clamor; a variedades sobranceiro, mantens-te qual surgiste, e do cahos primeiro, e do diluvio assolador.

Silencio e paz comtigo habita; o ermo é como o eremita, loucas vaidades não cogita, ama o seu rustico trajar; em aparente inercia ama que ferva occulto de seus affectos o tumulto, seus extasis, seus ais, seus gostos, seu orar.

Sim, genio da montanha, archanjo de poesia eu creio em ti; eu creio em que alma-pia pode ouvir de tua harpa a casta melodia, e abrazar-se de amor e indoeceer por ti; sim; mas eu, frivolo, profano, solidão estranho, affeito ao mundo insano, que hei de esperar? que tenho aqui?

Toda a minh'alma se éntristece, e se confrange, e se ennoitece, ao ver que a sorte lhe destece d'um sopro os aureos sonhos seus. Sonhava applausos, gloria... em desterro desperto! sonhava mundo... acho um deserto! sonhava inda illusões... e escuto-lhes o adeus!

Náufrago, perco a lira em meio da viagem. Desço vivo ao sepulcro! Em ti, fatal paragem, quem me resurgirá! Dos montes a linguagem... oiço... escuto... medito... e em vão quero entender; é como uns sons d'ignota falla;

qual ás penhas e mar, me innunda e me resvala, sem me abalar, nem me embeber.

Oh! á minh'alma taciturna que importa, ó montanha soturna, que de perfumes sejas urna da terra erguida sobre o altar? que o ceo te ria azul, mais amplo e mais de perto, que o sol doirado, ao teu deserto mais cedo suba, e á tarde o desça com pesar?

Vir mais tardia a noite, a aurora vir mais cedo, que me aproveita? Inerte entre o imovel fraguado, só onvindo os tufões e os corvos no arvoredo bramirei: — «Cresce o tempo! oh! supplicio cruel!»

são mais pesares, mais saudades, mais estro a arder em vão, mais visões de cidades, mais tentações a dar-me fel!...»

Ai! mundo! ai! ecos seductores! Tanto vate a ceifar louvores!... Tanto moço a colher amores!... Tantos loireiros e rosas...

E eu nesta solidão a torcer-me arraigado, qual roble que geme indignado, vendendo ao longe no oceano os lenhos triumphaes!

Assim rugue, baldão de vingativo nome, esse que a argila outr'ora encheu de ethereo lume; assim nos gelos sua, agrilhoado ao cume do cauceo alcantil, seu cadafalso atroz. Só o abutre de eterna fome, que o grande coração algoz sem fim lhe come,

responde em ais á sua voz.

Fenece o dia. Hora jocunda, que eu tanto amava! hora fecunda dos cantos meus! porque me innunda nova amargura o coração?

Sino crepuscular, tôas funereo dobre? a serra em luto se me entõe; a nocturna mudez duplica a solidão. Nenhuma luz scintilla; humana voz não sóa. D'estrellas a accender-se o Emyreo se pô;

tal a fada Coimbra, a senhoril Lisboa. nest' hora a quem as olha, entram no escuro a abrir de luzeiros um labyrintho.

Ceoz! Não oiço eu troar... seus coches!... O que sinto é vento em selvas a rugir.

Calae, fugi, ventos agrestes; sumi-vos, lampadas celestes; num seio a delirios já prestes não susciteis mais tentações.

Ou antes... aturdi-me, Euros bravos; ou antes... vós, astros, cifras de diamantes, o arcano me aclarae lá d'essas regiões.

Oh! se á minha razão, contraditoria, altiva, que ás trevas sente horror, e á clara fé se esquiva, de vós, faroes do ceo, baixasse á crença viva, que aos moradores do ermo inspira a vossa luz!

Se me volvesseis as ditosas esp'ranças que hei perdido, alvas, ethereas rosas, com que se enfeita e esconde a cruz!...

tornar-se-me-hiam de improviso a solidão, em paraizo; a magua, em perenne sorriso; em alto cantico, a mudez; a malograda lira, o não colhido loiro, em harpa augusta, em palmas d'oiro; e o monte, solio, então, veria o mundo aos pés

Delirios sempre vão, fugi d'um peito enfermo; tu, só tu, negra morte, has de ao meu mal pôr termo; ermo para ambições, é inferno, e não ermo; para a humilde piedade é que elle espelha o ceo.

Gentis fantasmas de cidades,

FOLHETIM

Contos d'Aldeia

A's cerejas

Era uma canção popular, com que a mãe da Consuelo embalava nos braços a Conchita, quando era ainda muito pequenina;

En un ameno bosque Mi niña duerme; Cuidado, pajarillos, No se despierte

Antes tres dias de partir a companhia para Sevilha, eu e uns amigos offerecemos a Consuelo um jantar, no campo, debaixo d'uma ramada.

Era pelos ultimos dias de maio. Tinhamos partido de madrugada, emquanto as gotas do orvalho tremeluziam nas encostas flo-

vinde, escondi-me o ermo em vossas claridades, como um esquife em aureo voo.

Vinde, cercae-me, endoidecei-me, (embora em sandar me eu queime)! O somno, as vigílias enchei-me da vossa esplendida visão.

Val o riso choroso as festas da loucura? vinde, guiae-me á sepultura, crente no amor, na gloria, e rindo á solidão.

Eu blasfemo, eu desvairo! Aos encontrados votos, nem eco respondeu nestes covões ignotos. Não, cumes glaciaes, tão outros, tão remotos sitios que eu amava, e em que esperei morrer;

não, no silvestre seio vosso, nem de amenas ficções apascentar-me posso, nem menos as posso esquecer.

Valor! valor! Quem do futuro sondou jámais o abismo escuro! Apenas chego e já murmuro! O de que tremo acaso sei?

Esperemos: talvez que inglorias, mas doirados, aqui me aguardem recatadas, dias d'estro e de paz, quaes nunca desfructei.

Se alem, no presbiterio, humillima choupana, (Vaticano, e Queluz da pobre grei serranna) mais que fraterno amor sollicito se afana eu me afôar o ninho, a vida eu m'infloar; se num retro verde e mudo, por elle tenho o loito, a mesa, o doce estudo sombras no estio, o inverno ao lar;

se a solidão que me apavora, sómente o for vista de fóra; se em seus reconcavos demora gente feliz, povo de irmãos; se do antigo viver, das crenças d'outra idade,

vestigios guarda a soledade; se poesia só vive entre estes aldeãos;

se a alegria, serena, isenta de pesares, como a fresca saude, habita os puros ares; se em toda a parte ha Deus, em ceos, em terra, em mares, se Deus em toda a parte á natureza ri... coração meu, não desanimes, gozos que não prevês, e cantos mais sublimes

encontrarás talvez aqui.

Ah! sendo assim, que importa a fama! Tambem filomela derrama sua harmonia ás selvas que ama longe de ouvintes e do sol. Cantarei. Meu cantar mais ambições teria que a viva a lustrada poesia, de perolas que afluz borbota o rouxinol?

Ca-tilho.

LITTERATURA

O REALISMO

I

Os realistas são minuciosos e escrupulosos observadores: a observação é difficil, exige muita agudeza d'espirito, e um profundo talento de analyse; mas muitos dos que se dizem filiados na eschola litteraria, a que se dá aquelle nome, nada observem, e vê-se que não sabem observar, nem imaginar, nem descrevem como Balzac, nem idealisam como Victor Hugo.

Descrições reaes não as podem dar umas superficies da so-

ridas, para fugirmos ao calôr intenso do meio-dia.

A verdura tenra dos prados ondulava serenamente á mercê da viração fresca da manhã.

Quando a estrada costeava o sopé d'uma colina, nós saltávamos da carruagem e seguíamos então a pé, cortando a eito pelos atalhos, atravessando por meio dos campos de milho e de extensos trigae, abrigados pela sombra das carvalheiras, onde chilreavam os pintasilgos e rouxinões.

A's portas dos curraes encontravamos ainda as vacas sahindo pausadamente para o pascigo. Na residencia do sr. abbade via-se o muro do passal coberto de trepadeiras; e por baixo do peitoril d'uma janella, n'uma gaiola de canna pendurada na parede assobiava um melro.

Consuelo ia encantada! O ar fresco, puro e sadio do campo abria-lhe appetites selvagens e contraditorios.

cidade observadas com olhos ligeiros, os detalhes insignificantes ou os quadros d'um certo lado da vida frivolamente interpretada, onde não ha, não quero dizer um senso profundo, mas nem ao menos uns longes da verdade sobre a civilização actual, o fundo moral das classes, a familia, a mulher, os estados d'alma, os defeitos sociaes, as perversões, os typos degenerados, como tambem sobre as aspirações nobres e generosas, os grandes sentimentos immanentes no ser humano e se isso é o que na opinião d'alguns merece os fóros de realismo, um tal realismo não tem em parte alguma os fóros d'uma litteratura.

II

Se o verdadeiro realismo nunca soube definir bem os seus principios tal como elles o comprehendem e apregoam, é um mero contrasenso. Quem quer exprimir a verdade dos factos, mesmo sem o querer implica com o ideal. Pois que é o ideal? E' o typo, a ideia, são os fins e as leis das cousas e dos seres, da vida, da natureza: ora uma descrição a não ser insignificativa, e frivola, sem valôr algum, é de rigor que deixe transparecer o ideal segundo o artista o concebe, porque é preciso referir os actos ás forças moraes que os produzem, aos motivos intimos, á essencia do homem, aos seus fins e tendencias, para que assim moralisados possam ter uma expressão qualquer e para isto é preciso que antes de descrever-os haja na ideia do escriptor um typo, uma apreciação geral da vida humana: se o escriptor nega a existencia d'esse typo é um sceptico ou materialista; mas n'este caso mesmo uma ideia determinada, um modo de vêr, se antepõe ás suas analyses e as caracteriza.

Quem descreve não faz um retrato só material. obriga-se a inspiral-o com uma ideia, a qual deve apparecer mesmo nas imagens, precisa de dar-lhe a luz de uma philosophia seja qual for, e eis ahí o ideal, ou intuitivo, ou extrahido da natureza pela observação e a analyse.

Photographar a sociedade não é descrever-a. Esse processo material, pelo que temos dito, é incapaz de attingir a verdade, não consegue o fim a que o realismo se propõe. Os homens, as gerações, as epochas, teem caracteres, e physionomias diversas. Ha no mesmo individuo estados d'alma contradictorios, situações em que não parecem os mesmos: nas familias variadas especies moraes, nas classes, costumes, ambições e indoles oppostas: se o artista se applica á imagem exacta de tudo isso e não deixa vêr a natureza das impressões, dos sentimentos, o principio moral occulto nos actos humanos, o ideal, n'uma palavra, toda a sua obra d'arte

A's vezes desejava ser como o boi manso, que vae pastando tranquillamente, n'um bosque, á beira d'agua corredia; outras, então, queria antes ser como a pótra que se avistava, ao longe n'um extenso prado, correndo, com as crinas esparsas, aos pulos, sobre os glestaeos floridos!

Ao passar pelos silvados, Consuelo colhia as amoras maduras, e comi-as com soffreguidão.

Ao cabo de um quarto de hora de caminhada, avistou Consuelo, no fundo d'uma ladeira, que descia para um pomar, uma cerejeira carregada de fructo.

— Cerejas! — exclamou ella — Ai! eu quero cerejas!

Descemos todos ao pomar; e então eu, que era o mais aldeão, trepei pela arvore acima, até aos ramos mais altos.

Consuelo ficou em baixo para aparar as cerejas. Os primeiros dois pés que eu lhe lancei, collocou-os ella sobre o pavilhão dos ouvidos, como dois brincos. Fi-

ficará sem espirito, sem significação alguma e material como o processo que empregou, sem uma generalidade que é o que ha de util para a intelligencia, e digamos tambem sem verdade, porque a verdade não está nos factos, nos phenomenos variaveis, mas nas generalizações, nas ideias que os explicam.

III

O realismo veio, é verdade, corrigir os excessos da phantasia, o romanticismo exagerado, mas cahiu no defeito opposto. Os realistas já são velhos: Swift degrada o homem até á animalidade instinctiva: Addison, curioso das especies moraes delicadas, contatos as bizarras amaveis do cavalheiro Rogerio de Coverly, os seus prejuizos provincianos, a sua franqueza natural e sincera; ha muito realismo em Fiending e Richardson; mas todas as suas descrições accusam um modo de vêr especial, em cada um d'estes romancistas, uma ideia determinada que anima todos os seus caracteres. Walter-Scott, o aristocrata que phantasiou a historia inteira d'uma nação, que poetizou a Escossia, foi tambem realista: o romance de costumes que misturou com as aventuras dos seus cavalleiros, forneceu uma litteratura immensa, variada, fecundissima de que Dickens é um dos grandes modelos: a vida contemporanea, sem amplificações, sem côres que possam fazel-a mais bella do que é, observada em todas as classes, e principalmente no povo e da burguezia, tal é o seu objecto; não ha n'esta litteratura grandes intenções artisticas, pontos de vista elevados, mas exactidão de detalhes infinitos, prodigios de observação, trivialidades, mas a través d'esse mundo de factos minuciosos vê-se uma intenção constante que é offerecer alguns typos de moralidade pratica, de virtudes familiares, a imagem d'uma democracia honesta, socegada, que ama a ordem e pratica o bom-senso. O realista Balzac não evita nem pôde evitar um ideal a seu modo. A' excepção de Eugenia Grandet, e de outros typos de virtude generosa e sympathica, ha em Balzac uma tendencia para o materialismo bem visivel e pronunciada, a representar apenas os instinctos grosseiros, os caracteres da animalidade, uma certa ordem de paixões, que apparecem nos seus romances como reaes, immodificaveis e logicas nas suas exigencias. E elle era mui habil artista para ser um realista photographo.

Mas apezar das suas immensas faculdades de observação, as copias que nos dá do mundo social e da familia, do seu mundo Pariz, serão as copias da realidade humana?

Diderot, critico d'um talento su-

cavam-lhe como duas contas enormes de coral! Em seguida apanhou na ponta dos dedos a roda do vestido, á frente, e disse-me que atriasse para ali as cerejas que fosse co-hendo.

— Lá vae, Consuelo! — gritava eu de cima!

— Venham — dizia ella.

E, fechando os olhos, retezava e repuxava o vestido para as aparar ali todas.

Já Consuelo tinha uma bõa regaçada, quando de repente ouvimos, ao longe, uma voz tremula, que cantava assim:

En un ameno bosque Mi niña duerme; Cuidado, pajarillos, No se despierte.

Consuelo foi deixando, pouco a pouco e quasi insensivelmente, cahir o vestido, cahir as cerejas, cahir os braços, e ficou a olhar para mim, com a cabeça erguida, na immobilidade de uma estatua.

perior, incomparavel, se fôra dotado do sentimento do ideal, veio provar com os seus dramas a inabilidade d'essa d'escola, quando não abandona os seus processos exclusivos: os dramas do illustre encyclopedista, genio de fogo, illuminado e vigoroso, são frios, pro-saicos, inanimados.

IV

A arte sem ideal é materia, não tem espirito nem vida. O mundo apresenta-se-nos com leis, fins, ou intenções geraes; ha portanto um ideal — a través de todas as contradicções, da realidade repugnante e grosseira, fazer ver esse ideal é o fim supremo da arte. (1872) Lourenço d'Almeida e Medeiros.

EM DIA DE FINADOS

(UMA VICTIMA DO AMOR)

2 de Novembro

Soavam nas torres da freguezia as quatro horas da manhã; e, no céu completamente nublado, como que revestido do lucto, que, n'este dia, é tão caracteristico, não se via um unico d'esses vacillantes mundos a que chamam — estrellas.

Levantei-me. E emquanto me vestia vagarosamente, orava por alguém, que me foi querido, e que hoje dorme — o somno eterno.

Sahi, então, em direcção á igreja matriz, afim de assistir á missa das almas; e, alli, pasmei ao vêr como um mancebo chorava, orando de joelhos por...

Por quem seria que aquelle mancebo tanto chorava?

Por seus paes?... Por seus avós, parentes ou amigos?...

Eu estava perplexo; e, atrahido pela cruciante dôr, que no seu rosto se traduzia, perguntei-lhe qual o motivo de seu tão duro pesar.

Mas o mancebo não me respondeu, talvez embargado pela sua mágua; repeti a pergunta, uma, duas, trez vezes, e não consegui resposta.

Pouco depois terminou a missa; retirei a caza, e, apoz a refeição do almoço, voltei á igreja e encontrei, de novo, o mancebo no mesmo supplicio

Não mais o deixei; acompanhei sempre de perto; e, ao sahir da procissão ao cemiterio, levantou-se precipitadamente; e dirigiu-se ao tumulto de...

Aguardava-o alli uma creança dos seus oito a dez annos aproximadamente, com um açafate de flôres que o mancebo espargiu por sobre o tumulto, quando, subito, ao exclamar — «Maria!...», cahiu inanimado sobre a terra.

Eu, que estava nos ultimos galhos da arvore, em ponto eminente, ainda pude alcançar a estrada.

E vi, então, sahir da taberna, que se abria, uma companhia de saltimbancos.

la atraz um velho, vestido de malha, com lentejoulas, que reluziam ao sol. Levava, pela mão, uma pequenita, com uma saia curta de cambraia muito suja e remendada. O saltimbanco caminhava devagar, com a cabeça descahida para o peito, os olhos no chão, a cantarolar:

Cuidado, pajarillos, No se despierte...

Depois, quando desci os olhos para a Consuelo, que permanecia em baixo, como estarrecida, vi-lhe á flôr das palpebras duas lagrimas enormes, que tremiam, como duas gotas d'orvalho nas petalas d'uma rosa!

(Continua)

Foi, então, que consegui saber pela creança, a causa da sua dôr.  
— Antonio, chamava-se elle, enamorara-se de Maria; e, quando sonhavam gozar um futuro de rozas, a morte roubava Maria do seio da familia e do coração de Antonio.

Apoderara-se em seguida de Antonio, uma paixão tão violenta, que cahiu por ella fulminado sobre o tumulo de Maria, no dia em que precisamente fazia um mez, que ella fallecera.

Trovador.

**Boletim Elegante**

Fizeram annos:  
no dia 1—o sr. José Estarreja.  
no dia 3—a Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Irene Ferraz e a menina Izoete, filha do Snr. João Ferreira Coelho, dig.<sup>mo</sup> escrivão de direito, n'esta comarca  
e faz no dia 9—a menina Maria José, filha do nosso particular amigo snr. João Antonio Lopes.

De regresso d'Aveiro, chegou a esta villa, o sr. João Antonio de Carvalho, illustre chefe da estação telegrapho-postal, aonde tinha ido em razão de concursos.

Esteve entre nós o sr. Joaquim de Lemos Pinheiro, dig.<sup>mo</sup> empregado de fazenda em Albergaria-a-Velha,

**NOTICIARIO**

De regresso da cidade de Coimbra, chegou a esta villa o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Francisco Augusto Lobo Castello Branco, integerrimo juiz de Direito, n'esta comarca; e de Carregosa, Oliveira d'Azemeis, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. José Luciano de Bastos Pina, dignissimo Delegado do Procurador Regio, também n'esta comarca.

**PESCA**

O producto total da pesca na costa do Furadouro, desde Janeiro até 31 d'outubro, do corrente anno, é o seguinte:

Companhas	Productos
Bôa-Esperança ...	16:124\$755
S. <sup>a</sup> do Soccorro ....	13:589\$965
S. Pedro.....	13:178\$805
S. Luiz.....	12:858\$335
<b>Total réis.....</b>	<b>55:751\$860</b>

**Julgamento**

No dia 31 do mez findo, foi julgado em audiencia geral, João Gomes da Silva, arguido pelo crime de perjurio decretando o jury por unanimidade um veredictum absolutorio, com o que praticou um acto de justiça.

A sentença foi bem recebida de todos.

Foi advogado de defeza o snr. Dr. Joaquim Soares Pinto.

**«Troupe Estrella Polar»**

Sob este titulo organisou-se, n'esta villa, uma tuna composta de briosos rapazes. Já principiam os ensaios, que correram muito bem, havendo grande entusiasmo.

Os nossos parabens á distincta «Troupe», e ávante!

**TEMPO**

Choveu torrencialmente a preterita semana, razão porque este anno não affluio ao Furadouro, no dia de todos os Santos, como era costume, o povo d'esta villa e das freguezias visinhas.

**FALLECIMENTO**

Falleceu, em Lisboa, a semana passada a snr.<sup>a</sup> D. Antoninha Silveira, afilhada do nosso amigo e conterraneo o ex.<sup>mo</sup> commendador Pereira Dias importante capitalista.

A familia enluctada endereçamos cartão de sentidos pezames.

**Curso Pratico de Commercio**

O snr. Emilio Vidal, guardalivros da fabrica de conservas, «A Varina», proprietario e director do **Curso Pratico de Commercio** n'esta villa, no intuito de melhorar este curso, e no intuito de que os alumnos, que o frequentam, fiquem completamente habilitados a occupar logares em escriptorios commerciaes de molde a satisfazerem as suas ambições, resolveu acrescentar mais uma disciplina—A Dactylographia (escripta á machina), pela magnifica machina «Oliver», hoje adoptada em todos os escriptorios commerciaes.

**AVISO**

Até ao proximo dia 11 do corrente estará patente, na administração d'este concelho, a relação dos devedores das contribuições do Estado, na freguezia d'Ovar, que serão relaxados no caso de não serem pagos até áquelle dia.

Nas demais freguezias d'este concelho, as relações estarão patentes até igual dia nas respectivas Egrejas.

**DESORDEM**

Na tarde de um do corrente, n'uma taberna da rua do Pinheiro, uns individuos travaram-se de razões, resultando um d'elles puxar de um revolver e dar um tiro em outro, indo a bala alojar-se n'uma perna, mas os ferimentos são de pouca gravidade.

**FURTO**

Em a noute de 27 para 28 do mez findo, furtaram a Manuel Joaquim da Fonseca, lavrador, do logar de carvalho de Baixo, freguezia de Vallega, 6 gallinhas por Joaquim Ribeiro, casado, da freguezia d'Espargo, concelho da Feira, mas actualmente residente no logar de Pereira, da mesma freguezia de Vallega, e por Antonio Rodrigues Ferreira o Sapateiro, casado, do referido logar de Pereira.

Foram presos por mandado do administrador do concelho.

**Aos nossos lavradores**

**A questão das carnes**

Podemos hoje dar aos nossos lavradores a boa noticia de que se acha finalmente resolvida, e em seu favor, a questão levantada com o arrematante do abastecimento de carnes para a capital, ácerca da recepção do gado que lhes é offerecido pelos criadores por intermedio da camara municipal de Lisboa. Esta questão entrou em um caminho que resolve satisfatoriamente as reclamações da nossa agricultura ultima-

mente apresentadas perante o sr. ministro do reino.

E' certo que o sr. conselheiro João Franco não tem descurado este assumpto, e que das suas conferencias com o sr. conselheiro Fevereiro, secretario geral do ministerio do reino, resultou uma serie de providencias que resolvem definitivamente a questão.

O arrematante é obrigado a receber e abater todo o gado que lhe seja offerecido pelos criadores, considerando-se como taes os lavradores que compram o gado para seu uso, e depois o engordem para o consumo.

Para regular este serviço, foram dadas instrucções do ministerio do reino ao presidente da camara de Lisboa, de modo a evitar a repetição dos abusos de que tanto tem lançado mão o arrematante.

Parece que a camara de Lisboa pediu tambem a revogação da sentença da auditoria do districto que mandou suspender a deliberação d'esta corporação mandando abater o gado offerecido ao municipio e que o arrematante recusará com o especioso fundamento de não haver sido offerecido pelos criadores. Revogada a sentença, a camara fica auctorizada, a mandar abater o gado que lhe seja offerecido, quer o arrematante queira quer não.

Está, portanto, resolvido o conflicto, com o que devéras exultamos, pois que garante aos nossos lavradores a venda dos seus gados em condições remuneradoras. Falta agora que elles se unam, e combinem entre si, a remessa dos seus gados de modo a reduzirem o mais possivel as despesas de transporte, fazendo as suas ofertas sempre de wagons completos, o que reduz a menos de metade o preço da tarifa geral.

Para este fim, o que melhor julgamos poder aconselhar-lhes é que se constituem em gremio, nomeando de uma commissão a cargo da qual ficaria o receber as ofertas, dar-lhes o devido andamento em harmonia com o fim que se tem em vista.

E como se aproxima a epoca em que esta industria toma maior desenvolvimento no nosso concelho, é tempo de tratar a sério do assumpto.

Do «Progresso d'Aveiro»

**Espancamento e roubo**

José Manuel Ferreira Brandão, solteiro, carpinteiro, da rua do Bajunco, d'esta villa, na noute de 26 seriam 12 horas, foi espancado por Joaquim Soares, empregado da fabrica de conservas «A Varina», Fernando Moraes, pintor, ambos solteiros, tambem desta villa, e outros que não foram conhecidos, roubando-lhe em seguida um relógio d'ouro, um revolver e um anel d'ouro, tambem.

Foram presos por ordem da auctoridade administrativa.

**FOGO POSTO**

Na noute de 31 d'outubro preterito, pelas 10 horas da noute, foi lançado fogo a uma meda de agulhas ou caruma pertencente a João Gomes da Silva, fabricante de louça, da rua do Seixal, d'esta villa, por uma pessoa, cujo nome até hoje se ignora, não chegando felizmente a haver grandes prejuizos por o Gomes da Silva ter dado pelo incendio logo no principio.

A pessoa, que lançou o fogo, fugiu em direcção ás viellas, que dão para os pinheiros da linha ferrea, porque um cão do dito Silva começou a ladrar apenas viu o vulto, perseguindo-o na direcção d'aquellas viellas.

Ha annos tambem um incendio devorou quasi toda a fabrica de louça do Silva, ardendo completamente a lenha, em enorme quantidade, destinada á fabrica.

Então, como agora, o fogo foi lançado, e, caso singular, em occasiões em que, junto dos seus, o Silva se propunha festejar um acontecimento que levára a alegria ao seu lar, por virtude de ter ficado justamente absolvido d'um crime, a que respondera, em audiencia de jury no dia 31 passado.

Procede-se a investigações no sentido de descobrir quem seja o auctor de tão revoltante selvageria.

**Ora esta . . .**

No dia 31 do mez findo, deram em secco, por occasião da baixamar, proximo da cruz do marujo, sete baleotes; emquanto, porém, o guarda foi participar o caso ao posto da praia do Furadouro, o mar alteou por motivo de grande e desfeito vendaval, e os baleotes, vendo-se, então, com faturinha d'agua, deram, meia volta e fizeram-se ao mar.

Imaginem a cara do guarda, quando voltou ao local!

**Bertha Krupp**

Em Essen, Allemanha, celebrou-se, ha pouco tempo, o consorcio da formosa Mlle. Bertha Krupp, filha do celebre Krupp, fundador de canhões krupps, com o sr. Bohlen Halbach, secretario da legação allemã junto do vaticano.

Bertha Krupp dispõe d'uma fortuna de *cem mil contos de réis*, e é tida como a herdeira mais rica do mundo.

A cerimonia, que revestiu um caracter opulentissimo, verdadeiramente principesco, assistiu o imperador Guilherme II amigo do paé de mlle. Bertha. Guilherme II, no banquete, que lhe foi offerecido pelos noivos, fez um discurso patriotico, appellando para a solidariedade do seu subditos para o engrandecimento da nação allemã, e apontando-lhes, como exemplo, o fundador das grandes officinas de Essen.

Foi um casamento d'amor, segundo resa a imprensa estrangeira.

**Secção para rir**

Calino filho a Calino paé:  
— Papá, o que quer dizer, condemnado por contumacia?  
— Ora! é metter na prisão um criminoso, que não foi possivel prender.

— Para onde vaes este verão?  
— Para Cascaes.  
— E quanto tempo calculas demorar-te lá?  
Duzentos ml reis.

O cansaço que muitas pessoas e principalmente meninas novas, sentem, ao levantar da cama, é frequentemente devido á falta de boa ventilação no quarto onde dormem, ou a demasiado agasalho.

Dizia o P.<sup>o</sup> Antonio Vieira que toda a fortuna d'um cortezão consistia em saber adolar, mentir, furtar e repartir.

**AGRADECIMENTO**

Os abaixo assignados vêm, penhoradamente, agradecer a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-os por occasião do fallecimento de sua tão extremosa mãe.

Ovar, 26 de Outubro de 1906.

Bernardino Marques de Pinho  
Manoel Marques de Pinho.

**Agradecimento**

Manoel d'Oliveira Gaspar e familia na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, vêm por este meio, penhoradamente, agradecer a todas as pessoas que se dignaram apresentar-lhes cumprimentos de condolencias por occasião do fallecimento de seu chorado paé José d'Oliveira Gaspar, pelo que protestam a todos o seu eterno reconhecimento.

Ovar, 29 d'outubro de 1906.

**Parte d'uma companha de pesca**

Manoel d'Oliveira Manarte vende a sua quarta parte da companha da S.<sup>a</sup> do Soccorro.

Quem pretender dirija-se ao mesmo.

**AGRADECIMENTO**

Os abaixo assignados agradecem, penhoradissimos, a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-os por fallecimento de sua chorada esposa, irmã, cunhada, tia e prima D. Maria Augusta do Ceu Baptista Lima e a acompanharam á sua ultima jazida, consignando-lhes desta forma a sua eterna gratidão.

Ovar, 12 d'outubro de 1906.

Luiz Augusto de Lima  
P.<sup>o</sup> Francisco d'Oliveira Baptista  
João d'Oliveira Baptista  
Felicidade Augusta Riffa da Gama Baptista  
Barbara Erminda da Gama Baptista Fragoso  
Maria Augusta Rita da Gama Baptista Abrãgão  
Carlos Alcantara Riffa da Gama Baptista  
João Maria Lopes

**AO PUBLICO**

Antonio Maria Mattos, alfaiate; faz saber que na sua caza se fazem com perfeição, — sobretudo, capas, habitos, batinas e tudo o que diz respeito á sua arte.

Antonio Maria Mattos.

Largo da Poça—Ovar.

**Palheiro**

Vende-se um, na praia do Furadouro ao norte, da Capella Nova e que foi de Francisco Pinto Luzerna.

Para tratar, dirigir a João Pacheco Polonia.

**ATENÇÃO**

Manoel d'Assumpção, escrevente n'esta villa, participa a todos os individuos que desejem embarcar para os portos do Brazil, que se encarrega de fazer os termos de fiança e respectivos requerimentos pela modica quantia de 600 réis.

Ovar, 2 de novembro de 1906.

Manoel d'Assumpção.

**CASA**

Vende-se uma, na rua dos Campos.  
Quem pretender dirija-se a José Manoel Romão.

# TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

## MONTEIRO & GONÇALVES

NUMERO TELEPHONICO, 737

N'esta bem montada officina typographica imprime-se com promptidão, nitidez e por preços excessivamente baratos todo e qualquer trabalho que se diga pertencente a arte typographica, taes como: facturas, mappas, recibos, enveloppes, cartões de estabelecimentos, memoranduns, circulares, obras de livros, jornaes diarios e semanaes e desde o simples e modesto cartão de visita a 150 réis o cento e mais preços.

Fazem-se impressões em todas as côres.

Enveloppes desde 1\$200 réis o milheiro

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos

### RUA DE S. CHRISPIM, 18 A 28

Com entrada pela Rua dos Mercadores, 171

## PORTO

### ESTAÇÃO CALMOSA

(Entre dois TYPOS muito conhecidos)

Dentre tantas maravilhas  
Que citado eu aqui tenho  
Sobre o vinho do Luzio,  
Mais um caso reinadio  
Fazer vér eu hoje venho:

—Marianna Sá dos Santos  
Andava muito enjoada  
Por causa não sei de qué  
Até que um dia prevê  
Na Calmosa ser curada.

Mas depois de mil remedios,  
Ter usado varias vezes,  
Recorreu ao bello gêsso;  
E hoje eu juro e confesso  
Qu'achou cura aos nove mezes! . . .

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco

### ANTONIO DA SILVA BRANDÃO-O LUZIO

#### OFFICINA E ESTABELECIMENTO

#### DE CALÇADO

DE

VICTORINO TAVARES LISBOA

S. João da Madeira

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina, vende, em todos os domingos, na praça da hortaliça, d'esta villa, calçado em todas as côres, para homem, senhora e creança; encarregando-se tambem de executar com esmerada perfeição e modicidade de preços, toda a encomenda de qualquer obra concernente á sua profissão.

—Sendo preciso, em qualquer dia da semana, fazer-se encomendas, o proprietario virá tambem a esta villa, a caza dos freguezes, que para isso o avizem pelo correio ou pessoalmente.

#### SAL

Pelo preço dos outros negociantes, vende-se no lugar da Poça.

Manuel Ferreira Dias.

#### ALFAIATARIA DA MODA

Abel Guedes de Pinho, participa ao respeitavel publico d'Ovar, que abriu uma alfaiateria no Largo da Praça n.º 46 d'esta villa, encarregando-se de fazer toda a obra concernente á sua arte para o que está habilitado, responsabilizando-se pelo seu bom acabamento; tambem faz varinos ou gabões pelo systema d'Aveiro, o que executa com a maxima perfeição, visto ser filho d'um dos primeiros artistas d'Aveiro, e d'onde trouxe a melhor pratica.

Espera portanto, do respeitavel publico a fineza de o auxiliar na sua industria, pelo que muito reconhecido fica.

## Aos Caçadores

Grande e variado sortido em espingardas centraes e de vareta, clavinas, revolvers, pistolas e todos os artigos concernentes. Grande variedade em polvoras pyroxiladas taes como a Schultre, Empire, Coop-pal, Ballistite, Canonite, E C, Rottweiler, Regina e Horrido. Preços sem competencia.

Visitae o

### BAZAR DOS CAÇADORES

R. SANTO ANTONIO, 40—Porto.

### MERCEARIA PINHO & IRMÃO

—LARGO DA PRAÇA—

Os proprietarios d'este estabelecimento, na certeza de que sempre satisfizeram o melhor possivel aos seus freguezes, no preço e qualidade dos seus generos e artigos, convidam o respeitavel publico a visitar o seu dito estabelecimento, onde encontrarão além de todos os generos de mercearia; um variado sortido de miudezas, artigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, artigos de latoaria, vinhos da Companhia e outras marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender  
Azeitona d'Elvas a 220 réis o Kilo.

Deposito do Café Moido Especial

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR